



**Universidade Estadual da Paraíba-UEPB
Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA
Departamento de Letras e Humanidades – DLH
Licenciatura Plena em Letras**

Jaciara Pereira Dutra

**MULHER, TRABALHO E EDUCAÇÃO: uma análise das personagens Belonísia e Bibiana
em Torto Arado**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2023**

Jaciara Pereira Dutra

MULHER, TRABALHO E EDUCAÇÃO: uma análise das personagens Belonísia e Bibiana em *Torto Arado*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D978m Dutra, Jaciara Pereira.
Mulher, trabalho e educação uma análise das personagens Belonísia e Bibiana em Torto Arado. [manuscrito] / Jaciara Pereira Dutra. - 2023.
38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Maria Karoliny Lima de Oliveira, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Direitos. 2. Torto Arado. 3. Mulheres. 4. Educação. 5. Trabalho. I. Título

21. ed. CDD 801.95

JACIARA PEREIRA DUTRA

MULHER, TRABALHO E EDUCAÇÃO: uma análise das personagens Belonísia e Bibiana em Torto Arado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV, como requisito para a obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras.

APROVADO EM: 28 de novembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira

Orientadora- UEPB/CAMPUSIV

Auribio Farias Conceição

Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição

Examinador Interno- UEPB/CAMPUS IV

Bianca Sonale Fonseca da Silva

Profa. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva

Examinadora Externa — (UFRN)

Aos meus familiares, por toda compreensão, e amor, mas principalmente a minha mãe, pois ela é minha fonte de força e inspiração. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pois foi Ele que esteve comigo em todos os momentos, nas noites em claro; até os momentos de alegria, e me permitiu chegar até aqui, ajudando a permanecer firme quando muitas vezes a minha vontade era parar.

A minha mãe, Francisca Neci da Silva pereira e meu filho, Vitor Emanuel Dutra Nobre, por todo amor e dedicação direcionados a mim, pois vocês são a minha fonte de força, aonde busco refugio.

Aos meus amigos e colegas que encontrei na Universidade Estadual da Paraíba, pois vocês muitas vezes alegraram o meu dia, e tornaram tudo mais leve, com uma brincadeira, uma palavra amiga, até mesmo as conversas aleatórias, irei guardar comigo, todos vocês possuem um lugar especial em meu coração; principalmente meus amigos de Brejo do Cruz companheiros desta trajetória, e como nós sempre falávamos **ninguém solta a mão de ninguém**.

Agradeço a todos os professores que me inspiraram a ser melhor, durante essa jornada de 5 anos, obrigada; pois vocês fizeram parte não apenas da vida acadêmica, mas também contribuíram na minha percepção de ver o ensino, como também qual tipo de profissional quero me tornar.

À minha querida orientadora, Maria Karoliny Lima de Oliveira, por toda paciência, e compreensão, pois sua parceria trás confiança e calma para minha agitação. E por último, mas não menos importante, obrigada Sandra por seu sorriso doce de todas tardes, a irmão Neto por sua paciência, enfim essa parte da minha vida está repleta de pessoas importantes.

*“Cada mulher sabe a força da natureza que
abriga na torrente que flui de sua vida”
(Itamar Vieira Junior).*

RESUMO

É notório que o ensino é capaz de alterar a condição de vida de muitas pessoas, tanto no âmbito profissional, quanto pessoal. Neste contexto de transformação, Itamar Vieira Junior destaca em sua obra *Torto Arado* (2019) uma vertente semelhante, porque ilustra o valor que a educação por si só pode proporcionar, mudando toda uma comunidade, desde sua forma de pensar, até a maneira de como luta por seus direitos. Diante desse cenário, o objetivo deste trabalho é analisar as personagens Bibiana e Belonísia na obra citada, a partir das relações estabelecidas por elas com a educação e com o trabalho, por meio uma abordagem qualitativa, e à luz dos pressupostos de Andrade (2016), Candido *et al.* (2009), Del Priore (2001), Freire (1979), Hooks (2017), dentre outros. Nesse sentido, a temática apresentada se mostra relevante perante a necessidade em evidenciar os desafios das mulheres na comunidade fictícia Água Negra. Assim, através deste estudo foi possível perceber os maiores desafios das mulheres nas comunidades rurais quilombolas estão ligados predominantemente ao abuso de poder, sobretudo às questões degradantes de trabalho e de educação, foco central desta análise, o que contribui para a inferiorização feminina em sua condição da mulher negra, pobre e pertencente a comunidades rurais, diante da situação análoga à escravidão presente na narrativa.

Palavras-chave: Direitos. Torto Arado. Mulheres. Educação. Trabalho.

ABSTRACT

It is well known that teaching is capable of changing the living conditions of many people, both professionally and personally. In this context of transformation, Itamar Vieira Junior highlights a similar aspect in his work *Torto Arado* (2019), because it illustrates the value that education alone can provide, changing an entire community, from its way of thinking, to the way in which fight for your rights. Given this scenario, the objective of this work is to analyze the characters Bibiana and Belonísia in the aforementioned work, based on the relationships they establish with education and work, through a qualitative approach, and in light of the assumptions of Andrade (2016), Candido et al. (2009), Del Priore (2001), Freire (1979), Hooks (2017), among others. In this sense, the theme presented is relevant given the need to highlight the challenges of women in the fictional community Dark Warter. Thus, through this study it was possible to perceive the greatest challenges faced by women in rural quilombola communities, which are predominantly linked to the abuse of power, especially the degrading issues of work and education, the central focus of this analysis, which contributes to the inferiorization of women in their condition. of black women, poor and belonging to rural communities, faced with a situation similar to slavery present in the narrative.

Keywords: Rights. Crooked Plough. Women. Education. Work.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O CRIADOR E A CRIAÇÃO: algumas considerações acerca da obra e da produção literária de Itamar Vieira Junior.....	12
3 MULHERES E DIREITOS: discussões iniciais	18
3.1 O direito ao trabalho: uma luta constante.....	18
3.2 O direito a educação: uma prática libertadora.....	23
4. O TRABALHO E A EDUCAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DAS PERSONAGENS BIBIANA E BELONÍSIA.....	28
4.1 Belonísia e Bibiana: “quase siamesas” vivenciando as lutas diante do trabalho e educação.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um meio de conhecer diferentes culturas e épocas, pois os escritores podem transportar seus leitores para lugares pouco explorados, posto que a imaginação seja um “vasto mundo”, como diria o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Exemplo disso ocorre na escrita de Itamar Vieira Junior¹, em **Torto Arado (2019)**, que direciona seu público para a região Nordeste do Brasil por meio de uma narrativa fluída e centrada em relacionamentos familiares e sociais, desmistificando o conceito de vida perfeita. Portanto, a literatura pode ser fascinante e simples.

Dessa maneira, de acordo com Oscar Wilde (1994, p. 20), que escreveu em **A cadência da mentira e outros ensaios** que “a vida imita a arte mais que arte imita a vida.” Isso torna compreensível o impacto que uma boa história tem sobre os sujeitos. Assim, as personagens que Itamar Vieira Junior constrói na narrativa mencionada se assemelham a sujeitos da realidade, com personalidades e gostos predeterminados, tornando-se algo mais verdadeiro que a fonte de sua inspiração.

A escrita de Vieira Júnior tem grande destaque, de forma positiva, alcançando sucesso e reconhecimento, principalmente nas redes sociais, com sua obra **Torto Arado**. Esse sucesso ocorre inicialmente em Portugal, após seu manuscrito ganhar, em 2018, o prêmio Leya. O escritor também conquistou o prêmio Jabuti, e Oceanos em 2020, ainda no quesito premiações, também venceu o Faz Diferença. Apesar de tanto reconhecimento, há simplicidade nas palavras do autor, pois ele sempre ressalta em suas entrevistas a importância da leitura e suas influências como base para suas criações.

É interessante destacar que a narrativa em análise, retrata várias questões sociais que se tornam relevantes para discussão em sociedade, mas, para efeito de esclarecimento, esta pesquisa direciona o olhar para os temas voltados para o ensino e as questões de mercado que, por sua vez, são assuntos bem fixados por suas protagonistas, uma vez que, a condição feminina entra em contato com dificuldades justamente por não obter acesso a tais direitos.

¹ O autor Itamar Vieira Junior é um escritor brasileiro, nascido na Bahia em (1979), graduado e mestre em Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA), fez doutorado em estudos Étnicos e Africanos com ênfase em antropologia, também foi servidor público, onde trabalhou no (INCA). Dessa maneira, Itamar escreveu algumas obras, dentre elas está Dias em (2012), logo após A Oração do Carrasco em (2017), em seguida Torto Arado de (2019), em 2021 foi a obra Doramar ou a Odisseia: histórias e Salvar o Fogo em 2023, suas narrativas são dentre elas romances e contos. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1301428134219137>

Diante disso, percebe-se uma narrativa de sujeitos que têm seus direitos violados, fato este que desenvolve diversas problemáticas que impactam a vida social como: as péssimas e injustas condições do trabalho rural, machismo, preconceito racial, entre outras dificuldades que silenciam e oprimem os sujeitos pertencentes a essas comunidades tradicionais.

A literatura de Vieira Junior, consciente de seu papel enquanto escritor, revela para o leitor questões atuais que ainda não foram superadas e que merecem destaque, pois, se aproximam muito do que ainda se vivencia atualmente, heranças de um passado colonial. Destarte, é um texto que apresenta sujeitos historicamente oprimidos pelas consequências desse período opressor que desencadeia e limita o acesso aos direitos básicos.

As protagonistas em questão são oriundas do interior do nordeste, especificamente de uma fazenda chamada Água Negra, onde vivem com sua família em condições de extrema pobreza e exclusão social. São descendentes de africanos e também de uma condição escravocrata predominantemente em pequenos povoados, onde as pessoas continuam presas ao passado, seja por sua maneira de vida ou por conjunturas pré-estabelecidas.

De que forma as personagens em análise Belonísia e Bibiana estabelecem relações com as questões voltadas ao trabalho e a educação durante a narrativa, tendo em vista o ambiente predominantemente machista e racista pertencente a comunidade fictícia de Água Negra a qual ambas estão inseridas?

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar as personagens Bibiana e Belonísia a partir das relações estabelecidas por elas com o trabalho e a educação. Os objetivos específicos giram em torno de refletir sobre a condição da mulher nos espaços de ordem trabalhista e de educação; destacar problemáticas atuais presentes na obra que vão de encontro com as vivências dos sujeitos construídos na narrativa; perceber como as personagens lidam com as condições precárias do trabalho rural e os impactos disso na formação de suas identidades.

Assim, este trabalho será dividido nos seguintes tópicos: inicialmente é relevante aprender mais sobre o autor, tal como desenrolar da narrativa em análise. Em seguida, uma breve análise sobre direitos, trabalho e educação, observando as personagens Bibiana e Belonísia, tanto em suas características no texto, quanto no seu crescimento físico e psicológico. Por fim, uma análise de alguns pontos relevantes para se salientar na comunidade rural, como o trabalho e as questões educacionais.

Para tanto, essa pesquisa define-se como abordagem qualitativa e bibliográfica, partindo da necessidade em analisar as temáticas anteriormente mencionadas. As discussões serão desenvolvidas, baseadas à luz de teóricos como Andrade (2016), Candido, *et al.* (2009), Del Priore (2001), Freire (1979), Hooks (2017), dentre outros. Afinal, cada um deles fez uma contribuição significativa, pois suas colocações afluíam a compreensão.

Diante do que foi apresentado, o que justifica a elaboração deste estudo é a sua contribuição para a área dos estudos literários. Esta pesquisa também pode servir para contribuir com estudos futuros sobre a obra em análise. Assim como refletir acerca das diversas questões sociais levantadas na obra de Vieira Junior. O interesse pessoal se deu através da indicação de um professor, durante a disciplina Literatura Contemporânea, além de que questões que envolvem educação e direitos sempre foram de interesse da autora dessa pesquisa.

2 O CRIADOR E A CRIAÇÃO: algumas considerações acerca da obra e da produção literária de Itamar Vieira Junior

A princípio, Itamar Vieira Junior ressalta em sua escrita situações cotidianas, relatando nas suas histórias experiências vividas de um Brasil pouco conhecido. Mantendo um forte contato com o campo e as pessoas deste meio, além disso, desperta no leitor um grande interesse pelos temas e realidades vivenciadas em comunidades rurais, nas quais passou a maior parte da sua infância e posteriormente trabalhando. Dessa forma o autor retrata o que o Karl Erik Schøllhammer (2011, p. 15). Chama de “experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico”.

Assim, com uma linguagem simples, o autor escreve para a população, temas que vão de encontro com a perspectiva social e formativa dos leitores enquanto indivíduos sociais, proporcionando uma interpretação completa da obra, pois, ele tem pressa em passar sua mensagem, seja ela direta ou indiretamente.

À medida que o sucesso alcançado, as cobranças também viram de forma grandiosa, muitas são as comparações em torno da escrita, mas, sobretudo quando se refere futuras obras, torna-se inevitável a associação entre uma escrita e outra. A imagem criada inicialmente por Itamar Vieira Junior com o seu maior sucesso sempre irá gerar uma grande expectativa nos leitores que acompanham o seu trabalho.

Em uma entrevista com o repórter José Bernardes, do “Brasil de Fato²” Vieira Junior fala que muitos pensam que ele dá voz ao povo através dos personagens, mas, além disso, se considera um deles, pois sente a necessidade de representar o povo, principalmente levando em consideração suas experiências semelhantes. Desta maneira, ele acabou de publicar em 2023 mais uma obra chamada **Salvar o Fogo** que faz parte de uma trilogia, no qual foi a segunda a ser publicada, sendo a primeira *Torto Arado* em (2019), e a terceira o escritor relatou que ainda continua amadurecendo a ideia, ressaltando que tudo tem seu tempo.

Lígia Gonçalves Diniz³, professora e crítica literária, em entrevista anuncia que: “**Salvar o fogo** era maniqueísta, supostamente por colocar personagens negros como bons e personagens brancos como maus”. Assim, sobre comentários como estes acerca do seu trabalho ele descreve: “Acho que nenhuma crítica pode soar como um

² Brasil de Fato, Disponível: <Link> Acesso: 10 de nov. de 2023.

³ Metrôpoles, Disponível: <Link> Acesso: 11 de nov. de 2023.

interdito, porque isso aí eu já sei o que é, e não é crítica, de fato, é preconceito de classe, é preconceito de raça [...]”.

O escritor salienta que não foca nas críticas relacionadas ao seu modo de pensar, pois ele tem um foco bem definido e se sua forma de escrever mudar é porque foi um processo natural, e não mediante a pessoas que não entende a sua percepção. “A nova declaração demonstra, mais uma vez, para minha perplexidade, a dificuldade do autor em lidar com críticas negativas ao seu trabalho, sobretudo quando partem de mulheres”, “acusou.” (Lígia Gonçalves).

Ao pensar na estrutura do livro posto, a história se passa no interior da Bahia, especificamente no espaço fictício Água Negra, com destaque em três narradoras que alternam a narração dos acontecimentos durante as três partes da obra. Vieira Junior, em entrevista, anuncia:

[...] eu acho que nenhum narrador é absolutamente confiável, então uma história só ganha vida quando ela é contada por muitas vozes, é uma coisa que eu penso. Uma coisa é você me contar as histórias da sua família, mas aí eu conheço sua mãe, seu avô e eles me contam do jeito que eles sabem, juntando todas essas histórias eu vou ter um panorama menos apaixonado sobre o que vocês falam. Da mesma forma é na literatura (Vieira Junior, 2022, p. 546-547).

Tem-se, dessa forma, uma obra narrada a partir do ponto de vista de três personagens diferentes, cada uma a partir do seu olhar e posicionamento diante das realidades apresentadas, suas memórias e conhecimento histórico. A linguagem utilizada é, como já citado em outros momentos, acessível ao leitor, porém contém algumas palavras que podem ser desconhecidas para alguns leitores, como, por exemplo, “jirau, rixa, veredas”, uma variedade de dialetos, e referências culturais, como a prática religiosa do Jarê:

[...] No fim da tarde, dona Tonha trouxe, numa caixa antiga adornos de encantada que meu pai vestiria à noite, depois da ladainha e à medida que os espíritos chegassem e lhe tomassem o corpo para se fazerem presentes. Na caixa estavam guardadas as roupas de santa Bárbara, lansã, a dona da noite, lavadas e passadas desde a última vez que Zeca a havia vestido (Vieira Junior, 2019, p. 62).

No trecho apresentado anteriormente, Vieira Junior apresenta uma religião praticada por algumas pessoas chamada jarê, pouco conhecida porque é vivenciada exclusivamente na Chapada Diamantina, surgindo após o movimento de mineração

naquela região, elemento que favoreceu o crescimento da mão de obra escrava, e conseqüentemente absorvendo elementos da população africana. Em entrevista a pesquisadora Natália Souza Noro, o autor afirma que:

Eu pude frequentar muitas casas de jarê, ouvir histórias de lugares que não têm mais a casa, mas as pessoas guardam a memória do jarê. Eu pude também, me aprofundando nas pesquisas do doutorado, ler pesquisas sobre o jarê, que não são muitas, mas existem. Mas o que me atraiu de imediato no jarê foi ver como um povo tão sofrido, que está em uma situação de extrema vulnerabilidade, numa relação precária com a terra, numa relação de exploração de trabalho, como o jarê pode ser esse laço, essa solidariedade, que os protege de algo pior, os protege de investidas de latifundiários, de fazendeiros, o meu interesse foi entender justamente como o jarê cria essa rede de solidariedade a partir de um parentesco religioso que parte de uma crença em comum (Vieira Junior, 2022, p. 544).

A narrativa em análise, apresenta alguns temas ao decorrer da história, tal como as situações relatadas pelo autor durante o contato que teve com essas comunidades, na época de sua pesquisa de doutorado. Sendo as crenças e os costumes culturais os elos essenciais que apontam para uma resistência ao ambiente caótico e explorador, de escravidão, racismo, renúncias e desigualdade social.

A relação dos sujeitos com a terra, religiosidade e ancestralidade são temáticas fortes que, por mais que esses indivíduos em alguns momentos não tenham plena consciência do que acontece, se fazem em permanente conexão com todos os aprendizados daqueles vivenciaram esses ciclos antes: Santa Rita Pescadeira, Donana, os avós das personagens em análise nessa pesquisa e tantos outros que conviveram diante de tais realidades.

Desta forma, a obra em análise está dividida em três partes, a partir de Fio de corte, narrado por Bibiana, que relata primeiramente um acontecimento significativo de sua infância que deixou marcas profundas tanto na sua vida, como em toda sua família, como toda criança, as irmãs Bibiana e Belonísia eram muito curiosas, e isso as levou a acreditar que sua avó Donana guardava um segredo embaixo da cama.

Desta maneira, na primeira oportunidade as meninas resolveram mexer nas coisas guardadas na mala de sua avó, ao ponto de deixar a curiosidade tomar conta de suas ações, assim as meninas cortaram a língua, pois queriam sentir o gosto do objeto que no caso era uma faca afiada, no entanto, aquele dia deixaria marcas físicas e psicológicas, além disso, elas enxergariam pela primeira vez tanto a cidade, quanto o preconceito das pessoas presente na menção a baixo.

As folhas estavam guardadas nos bolsos de sua calça, talvez por vergonha de o apontarem com desdém como feiticeiro dentro daquele lugar que ele não conhecia. Foi o primeiro lugar em que vi mais gente branca que preta. E vi como as pessoas nos olhavam com curiosidade, mas sem se aproximar (Vieira Junior, 2019, p. 18-19).

Nessa mesma direção, o escritor Vieira Junior relata de uma forma tão peculiar uma realidade do Brasil ainda desconhecida por alguns, porém tão íntima para outros, por exemplo, um automóvel em estradas largas e diferentes e um hospital era algo estranho para aquelas pessoas, como se fosse outro mundo inexplorado. Portanto, de agora em diante todos os acontecimentos reproduzidos levaram reflexos deste dia.

Assim, a família retornou a fazenda, mas agora existia um abismo entre eles, pois além da culpa que a avó das meninas carregava através do ocorrido, Belonísia não se comunicava mais como antes, deixando a menina retraída, dessa forma sua irmã Bibiana tornou-se sua voz, e durante muito tempo elas eram inseparáveis, a vida se tornou quase rotineira novamente, até a chegada da adolescência, onde ocorreu um mal-entendido entre elas ocasionado no afastamento das jovens durante muito tempo.

Posto isso, a narrativa emerge nos pensamentos de Belonísia começando a segunda parte da história, na perspectiva da irmã mais nova, observamos o quanto foi difícil o seu processo de adaptação, pois havia muita desinformação. Desta maneira, o seu método para reaprender a se comunicar foi intuitivo, no convívio do dia a dia, onde falava por meio do olhar, e gestos: “[...] Não iria reproduzir os sons que me provocavam desgosto e repulsa e ser alvo de zombaria para as crianças na casa de Firmina, ou para as filhas de Tonha.” (Vieira Junior, 2019, p.127). Em vista do que foi citado, é possível observar como o escritor é perspicaz ao aplicar uma metáfora, pois há uma mensagem por trás do ato de cortar a língua de uma das meninas, porque se refere a condição de um povo oprimido, que por muito tempo foi negado seu direito de fala, perante a sua condição de exploração.

Apresenta-se mais uma reviravolta nos acontecimentos, pois agora Belonísia se encontra solitária após a partida de sua irmã, dedicando-se aos afazeres domésticos, e ao trabalho com a terra, não retornou à escola, nem seus pais insistiram com isso, a vida continuou veloz e urgente, ao longo dos acontecimentos a personagem se mostra uma mulher muito forte, pois além de um casamento abusivo ela se torna defensora de sua vizinha que também sofria com seu marido agressivo.

A violência doméstica é um dos temas da narrativa em estudo, o autor consegue descrever a realidade de muitas pessoas que como Maria Cabocla, permanece em situações insuportáveis por medo, e também porque acreditam que não há outra forma de sair dessa situação, esse pensamento é, na verdade, a maior arma que pessoas manipuladoras utilizam, primeiramente ocorre um processo de isolamento afastando amigos, parentes, assim facilita controlar as ações da vítima. “Maria estava magra, parecia ter uma fome permanente. Seu corpo miúdo tinha manchas púrpuras, era possível ver a luz do dia [...]” (Vieira Junior, 2019, p.119).

Ao iniciar a terceira parte do livro com “Rio de Sangue”, o autor é muito perspicaz em começar com ponto ápice do livro em um momento conflitante, a partir de uma terceira narradora, que se chama Santa Rita Pescadeira. Ela relata tudo como alguém que viveu e presenciou muitas injustiças contra seu povo, por ser uma entidade, os seus pensamentos se misturam acontecimentos do presente e, por vezes, do passado, como quando ela relata sobre a cobiça dos mineradores, e em seguida aborda o fato das pessoas esquecerem suas cantigas:

[...] Desde então, passeia vagar sem rumo, arrodando aqui, arrodando acolá, procurando um corpo que pudesse me acolher. Meu cavalo era uma mulher chamada Miúda, mas quando me apossava de sua carne meu nome era Santa Rita Pescadeira. Foi nela que cavalguei por muito tempo, não conto o tempo, mas montei o corpo de Miúda, solitária. Sou muito antiga que os cem anos de Miúda [...] (Vieira Junior, 2019, p.203).

A narradora da terceira parte acrescenta muitos detalhes à história, relatando suas experiências, tal como, a população de Água Negra chegou naquele local, o processo de mudança entre “escravos para moradores e trabalhadores” como também, a revolta que aconteceu entre Bibiana e Salomão, visto que tentaram calar sua voz por meio de ameaças, além de um atentado contra a vida de Severo.

Desse modo, o final revela segredos que estavam guardados há muito tempo, por arados tortos, como se a última peça do quebra cabeça que faltava fosse encontrada, a narrativa ganha mais sentido, e tudo que havia ficado em aberto, é finalmente esclarecido, como, por exemplo, o motivo de Donana ter escondido uma faca em seus pertences, a maneira que ela a encontrou, e o porquê de ninguém conhecer este segredo.

Portanto, essa entidade vai relatar tudo aquilo que presenciou durante o final da obra, como também, conduz e envolve os personagens, se deslocando na trama

em momentos, observadora, mas ativa também às vezes. Assim, neste ponto o escritor descreve como são as crenças africanas que se perpetua no interior da Bahia, trazendo também um desfecho para a narrativa, com a presença dos elementos mágicos.

3 MULHERES E DIREITOS: discussões iniciais

No cenário atual, é comum se falar em direitos humanos, no entanto, percebe-se que muitos não compreendem a amplitude desse tema, assim quando essa perspectiva se direciona para áreas do semiárido, por exemplo, identifica-se uma lacuna ainda maior, pois, vivencia-se um contexto, também retratado nos grandes centros, onde o proletário rico manda e desmanda, deixando a população em total submissão, sem acesso a direitos essenciais como trabalho digno e educação. Diante disso, é preciso perceber que para as mulheres que fazem parte desse contexto as problemáticas se intensificam, pois, em sua maioria, não há possibilidade de acesso ao mínimo necessário para uma tomada de consciência mais clara da própria situação, rodeadas pelo machismo e pelo racismo, sem acesso aos direitos, totalmente à mercê dos homens e a toda situação que as rodeia.

3.1 O direito ao trabalho: uma luta constante

Durante um longo período, as mulheres exerciam apenas o papel de cuidadoras do lar e dos filhos, a ideia de pensar fora deste contexto era algo inimaginável, mas aos poucos elas foram conquistando seu espaço na sociedade por meio de algumas mudanças e lutas sociais, como a Lei nº 5.473, de 10 de julho de 1968⁴, que tinha como objetivo a inserção das mulheres no mercado de trabalho e a garantia de direitos trabalhistas igualitários, o que contribuiu para que hoje esse grupo não se restrinja a um padrão específico, determinado por uma ordem patriarcal. No entanto, sabe-se que para chegar ao que temos atualmente, com todo o processo da modernização e consolidação de uma sociedade capitalista, conservadora e excludente, entende-se que o caminho não se torna nada fácil, principalmente no que se refere a população negra. Na obra **Por um feminismo Afro-latino Americano** (1981), de Leila Gonzales lê-se que:

Contrariamente ao que aconteceu com a força de trabalho feminina (que entrou para valer no mercado de trabalho, conquistando novos espaços profissionais), a força de trabalho negra foi a maior vítima de todo esse processo. Sistemáticamente discriminada no mercado de trabalho, ela ficou confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração (Gonzales, 1981, p. 199).

⁴ (Francarro, 2018, p.14)

Assim, para além das questões citadas anteriormente, acrescenta-se a esses processos de descaso a falta de empatia quando se refere a responsabilidade reprodutiva, que está sobreposta à mulher, pois isso tende a criar um impacto negativo no campo profissional, na grande maioria das vezes, as mulheres são cobradas por uma responsabilidade maior, tanto como mãe, quanto provedora da família, portanto é um difícil papel administrar esses dois âmbitos.

A forte representação do trabalho rural, enquanto raiz do país, da sociedade, reflete e revela problemáticas de inúmeras proporções como a exploração de toda a população, as condições miseráveis de trabalho e, conseqüentemente, a vivência de um povo sem terra, pobre, sem acesso aos direitos como acontecia na região Nordeste e em tantas outras localidades nesse contexto pós-colonização. Assim, como aponta Fraccaro (2018, p. 23) “o Brasil tinha uma classe trabalhadora majoritariamente rural e com pouca instrução formal ou qualificação”.

Diante desse cenário, pode-se observar que o gênero feminino enfrenta muitas objeções com relação ao trabalho, mesmo asseguradas algumas conquistas através do movimento operário, das leis, buscando melhores condições nos empregos, entre outras questões. Condições essas que se fazem uma realidade muito distante quando se fala em mulheres negras e quilombolas, como as personagens em análise nessa pesquisa, que lutam constantemente contra um sistema racista, patriarcal e completamente excludente e, além de tudo, escravista, assumindo uma posição de protagonistas, com uma vivência empoderada, enquanto líderes comunitárias, para superar situações caóticas e tentar alcançar direitos sociais.

Nessa mesma direção, para que hoje possa-se observar mulheres atuando no mercado de trabalho em diversas áreas do mundo, uma das maiores dificuldades foi o enfrentamento da discriminação social. Assim como afirma Andrade (2016, p. 32) “a discriminação é talvez a maior barreira enfrentada pela mulher no mundo do trabalho. Ao preconceito relacionado diretamente ao gênero feminino e a cor negra, acrescentando-se aspectos como origem, idade, orientação sexual, [...]”.

Diante disso, tem-se um paradoxo, principalmente quando se relaciona com as mulheres negras e sertanejas, às quais se apoiam em trabalhos rurais, pois, espera-se que elas assumam um papel totalmente de vulnerabilidade, por toda desumanidade ainda presente de um sistema análogo a escravidão e pela “superioridade” do homem

enraizada historicamente, no entanto, o que se percebe é que, muitas vezes, é a mulher que se faz presente e que luta, enfrenta e reivindica direitos da comunidade:

[...] O aumento da superfície do campo, que triplicou entre 1920 e 1940 (de 648. 153 para 1.904. 589 hectares), reforçaria a hipótese de que houve aumento concreto da participação feminina no trabalho agrícola. Soma-se a isso o fato de que quase 70% das mulheres rurais estavam concentradas em propriedades pequenas, de menos de 100 hectares. Um terço dos trabalhadores rurais, consistentemente constituídos por mulheres, não era assalariado (Madeira e Singer, 1973:24-25 apud Fraccaro, 2018, p.25-27).

Assim, percebe-se que apesar do aumento crescente de trabalhadoras do sexo feminino no campo, ainda não foram regularizados seus direitos referentes a salários e condições de carga horária exorbitante, pois a maioria são oriundas de pequenos sítios e realizam tarefas consideradas de menor importância. No entanto, as mulheres são responsáveis em auxiliar no complemento da renda per capita de seu lar, tarefa essa que se torna algo tão corriqueiro cuja importância passa despercebida, se tornado invisível perante a sociedade:

É sem dúvida, no encontro com as “expectativas objetivas” que estão inscritas, sobretudo implicitamente, nas posições oferecidas às mulheres pela estrutura, ainda fortemente sexuada, da divisão de trabalho, que as posições ditas “femininas”, inculcadas pela família e por toda ordem social, podem se realizar, ou mesmo se expandir, e se ver, no mesmo ato recompensadas, contribuindo assim para reforçar a dicotomia sexual fundamental, tanto nos cargos, que parecem exigir a submissão e a necessidade de segurança, quanto em seus ocupantes, identificados com posições nas quais, os encontrados ou alienados, eles simultaneamente se encontram e se perdem [...] (Bourdieu, 2011, p. 98).

Nesse ínterim, Bourdieu destaca o quanto as mulheres são subjugadas, em relação a cargos relevantes, como se o instinto de liderança fosse algo genético exclusivo dos homens, deixando o grupo feminino destinado a pequenos trabalhos que não exijam prestígio, muito menos reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, tentam convencê-las por meio de estímulos da “normalização” para que assim continuem a servir.

O serviço doméstico, por exemplo, é pouco valorizado, e muitas vezes sem nenhum tipo de remuneração, são predestinados para as meninas desde pequenas por intermédio da família ou parentes. Ou seja, a sociedade está sempre ditando qual é o “lugar da mulher”, o que é considerado “normal”, numa visão totalmente machista que, infelizmente, ultrapassa muitos séculos.

No cenário vivenciado no romance em análise, Torto Arado (2019), observa-se a abordagem das questões do trabalho no campo envolvidas na vivência das personagens, principalmente as femininas. Além disso, percebe-se uma abordagem voltada às opressões dos trabalhadores rurais desencadeadas, muitas vezes, através do preconceito racial.

Na obra, a personagem Salustiana, mulher do líder espiritual de Água Negra e mãe das protagonistas da narrativa em estudo, ela e suas filhas trabalhavam dividindo seu tempo entre as tarefas do lar, na roça e com um pequeno plantio cultivado próximo à casa para consumo, no entanto, o pouco que brotava na terra seca era dividido e coletado por um administrador da fazenda. Todos da comunidade reconhecem que não era correto a ações de Sutério, mas nunca revidaram nenhuma injustiça:

[...] Entrou em nossa cozinha e perguntou onde havíamos colhido as batatas-doces. Meu pai respondeu que havíamos comprado na feira da cidade. Com que dinheiro, ele quis saber. Vendemos o resto de azeite de dendê que tínhamos fabricado, disse. Sutério pegou a maior parte da batata-doce com as duas mãos grandes que tinha e levou para a Rural que havia deixado em nossa porta. Pilhou também duas garrafas de dendê que guardávamos para fazer os peixes miúdos que pescámos no rio. Lembrou a meu pai da terça parte que tinha que dar da produção do quintal [...] (Vieira Junior, 2019, p.85).

O trecho acima refere-se a um abuso de poder praticado contra aqueles, frutos de uma realidade marcada pela insegurança, que não viam outro meio de sobrevivência além do manuseio, da terra. Dessa forma, tentavam sobreviver entre a ambição de pessoas que não compartilhavam do sentimento de união, muito menos compreenderiam as dificuldades em lutar pelo mínimo possível, apesar disso, os indivíduos das comunidades rurais se ajudam, como uma rede de apoio.

Ainda no contexto da narrativa de Vieira Júnior (2019), as mulheres de Água Negra, comunidade quilombola relatada na obra, trabalham para o sustento familiar, por meio da pesca, mas, com a falta de chuva estava cada vez mais difícil encontrar peixes no rio, o plantio de palma passou a ser uma solução na alimentação e até os animais que antes eram encontrados na mata, após a seca se tornaram algo raro de capturar. As crianças são os que mais sofrem com a falta de alimentos, o que resulta na morte de muitos neste período, e sem remédios, os curandeiros tentavam por meio das rezas e receitas à base de ervas salvar o maior número de pessoas possível, mas era inevitável transformar este cenário:

Os buritizeiros eram altos e seus frutos não eram de serventia se colhidos nos cachos. Era preciso esperar que caíssem para que pudessem ser consumidos. Armazenávamos os frutos em grandes tonéis de água para amolecer a casca. Retirávamos com as mãos, de forma suave, para aproveitar a polpa, e levávamos aquelas massas em sacos de linhagem na cabeça, pela estrada, para comerciar com as senhoras que faziam doce de buriti e sucos para vender (Vieira Junior, 2019, p. 69).

Por outro lado, o personagem Severo lutava por direitos trabalhistas, havia aqueles que não acreditavam, e geralmente, são os que moravam ali por muito tempo, os mais jovens ficavam abismados com tudo o que ouviam, certamente os comentários se espalhariam até chegarem no dono da fazenda. Salomão, proprietário do local, se apresentava como um homem bondoso e generoso, mas isso era apenas uma maneira de manter a confiança e lealdade das pessoas, para que assim as próximas gerações permanecessem no seu sistema de desmando:

Queriam gente que aguasse as hortas e transformasse a terra da fazenda em riqueza, e que não temesse ferir as mãos na colheita. Em troca, poderia construir uma tapera de barro e taboa, que se desfizesse com o tempo, com a chuva, e com o sol forte. Que essa morada nunca fosse um bem durável que atraísse a cobiça dos herdeiros. [...] Poderia comer e viver da terra, mas deveria obediência e gratidão aos senhores (Vieira Junior, 2019, p. 204 - 205).

Conforme se observa no romance, o escritor descortina uma realidade opressiva, exploratória e cruel vivenciada diante do trabalho no campo, e demonstra, portanto, que estes trabalhadores são oriundos de um Brasil pós-escravidão, no qual o indivíduo tem muitas dificuldades de encontrar uma maneira de sobreviver diante de uma luta incansável nos campos, mantendo-se numa situação dependente, na qual homens, mulheres e crianças, não recebiam nenhum pagamento pelas diversas atividades realizadas, precisando dividir tudo, uma vez que, eram apenas moradores daquele lugar, sem nenhum direito, mas com vários deveres.

Assim, o passado continuou refletido através das gerações dos descendentes de escravos, um reflexo de uma sociedade histórica, política e culturalmente discriminada e que se constitui, muitas vezes, de um preconceito enraizado em sua estrutura, sendo o racismo vivenciado todos os dias, mesmo diante de longos anos de luta e reivindicações.

3.2 O direito à educação: uma prática libertadora

É do conhecimento de todos que a educação foi um direito conquistado após muitos anos de exclusão de parte da população, conseqüentemente a mais pobre, na qual não poderia pagar uma instituição ou ter a possibilidade de aulas particulares, permitindo que alguns pertencentes à elite tivessem acesso ao estudo, enquanto outros, que vivendo à margem deste grupo, não tinham acesso aos conhecimentos básicos como ler e escrever, por exemplo.

Diante disso, foi instaurada no Brasil uma lei⁵ localizada no Art. 205 da constituição federal “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (1998, p. 4). Ou seja, antes o Estado não tinha a obrigatoriedade do fornecimento de práticas educacionais à população, muito menos prover materiais para esta incumbência, além disso, muitas pessoas não acreditavam na importância do estudo, principalmente os mais velhos, pois gerações inteiras propagaram o mesmo ofício passado de pais para filhos.

As instituições públicas foram um marco neste âmbito, mesmo compreendendo as grandes dificuldades enfrentadas diariamente, bem como a falta de espaço adequado para os alunos, essa iniciativa foi de extrema importância para o desenvolvimento de muitas crianças, adolescentes, e adultos, pois várias pessoas não dispõem de uma condição financeira favorável para pagar uma escola privada, sendo assim está nova perspectiva permite a esperança de um ensino de qualidade.

Desta maneira, entendemos que toda mudança provoca resistência e desconfiança. Assim, esta conjuntura de temor em relação ao desconhecido se assemelha a metáfora do **Mito da Caverna** de Platão. Ao relacionar com o romance em análise, a maioria da população de Água Negra queria continuar com a realidade de vida já conhecida, por considerar algo seguro. Assim, quando Severo, ex-empregado da fazenda e marido de Bibiana recém-chegado da cidade, prometeu mudanças e melhorias, algo que nunca havia acontecido antes, a maioria das pessoas se opôs, já que estavam condicionados a uma vida de servidão por muito tempo, e algo assim é difícil de transformar.

⁵ Constituição Federal de 1988 (art. 205 até 214) Disponível em: <Link> Acesso: 09 de out. de 2023.

É muito importante chamar atenção para o hábito. E difícil mudar as estruturas existentes por que o hábito da repressão é a norma. A educação como prática da liberdade não tem haver somente com um conhecimento libertador, mas também com uma prática libertadora na sala de aula (Hooks, 2017, p.197).

Bell Hooks explica que na educação pode-se perceber dois lados, tanto do educador, quanto do aluno, e a melhor maneira de entender alguém ou um determinado grupo é primeiramente observar para assim elaborar uma proposta de ensino condizente, tornando capaz de propagar atividades que não fujam de um padrão historicamente funcional da realidade dos estudantes.

Diante disso, observa-se a realidade encontrada no romance, a qual os sujeitos são analfabetos e/ou tem pouco acesso à educação, e quando isso acontece, é por meio de um ensino com diversas lacunas. Esse cenário se faz presente na realidade de muitos indivíduos atualmente, tornando-se algo comum, por exemplo, que filhas fiquem restritas ao contexto da casa, dos afazeres domésticos ou cuidando de seus irmãos mais novos, sem muita perspectiva no ensino, em seu futuro.

De acordo com Paulo Freire (1979, p. 35), “a educação tem um caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando. Existem graus de educação, mas estes não são absolutos”. Nesta menção de Freire percebe-se que a educação não está diretamente ligada a escola, por exemplo, Belonísia, personagem em análise, possuía conhecimento referente a natureza, ao clima, e animais, coisas que não eram fixadas por sua professora, mas, que ela aprendeu apenas observando seu pai no dia a dia.

Com relação a essa ligação entre os conhecimentos do pai e as personagens, é possível ler na obra: “Pouco importava, poderia ver em seu semblante a luta que havia travado com as forças da encantada Santa Bárbara para que tivéssemos um destino diferente do seu, para que não fossemos analfabetos.” (Vieira Junior, 2019, p. 95-96). Apesar de o contexto ser de descaso e de esquecimento social, há uma luta e uma resistência na busca pelo direito à educação, o que está de acordo com uma realidade fragmentada que o personagem deseja dar sentido através da educação para os seus.

Assim, no que se refere a José Alcino da Silva, nota-se que o personagem sempre acreditou no ensino, embora nunca tenha estudado, o curandeiro sempre trabalhou em fazendas sem nunca reclamar ou culpar alguém por sua situação de

conformidade, no entanto, quando se tratava de seus filhos e vizinhos o contexto mudava, porque Zeca Chapéu Grande como era conhecido, queria mais do que uma escola naquela área; ele planejava que sua família obtivesse um futuro diferente do seu, ou seja, a sua esperança estava projetada no estudo, algo que ele nunca teve:

Meu pai não sabia nem mesmo assinar o nome, e fez o que estava ao seu alcance para trazer uma escola para a fazenda, para que aprendêssemos letras e matemática. Muitas vezes o vi tentar convencer algum vizinho que não queria que o filho fosse à escola; até concordava que o filho fosse, mas dizia que menina não precisava aprender nada de estudo. Mesmo contrariando o compadre, conseguia com que seu pedido fosse acatado, grande era a consideração e prestígio que fluíam de sua liderança (Vieira Junior, 2019, p. 96) (grifo nosso).

Diante do que é mencionado no romance por Vieira Junior, percebe-se que no cenário de uma sociedade machista e racista, as mulheres lutam todos os dias para exercer seus direitos, sendo um deles a possibilidade de estudar, isso se deve ao fato da evidente desigualdade social e do desmerecimento com relação ao acesso das mulheres à educação, como pode-se observar no fragmento em destaque.

A educação é apresentada na história mediante uma escola construída na propriedade Água Negra adquirida por Salomão, personagem que apenas aparece na história forjando uma falsa humildade de um bom patrão, para, dessa forma, conquistar a confiança das pessoas. Sendo assim, o prefeito da cidade constrói uma escola precária na fazenda em questão, não como incentivo ao aprendizado, mas como uma forma de pagamento ao líder e guia espiritual, uma vez que este se sentia em dívida após a cura de seu filho. Isso enfatiza o regime de dominação, que ano após ano, vem fortalecendo a exploração trabalhista, oprimindo os sujeitos que estão envoltos nesse mecanismo de poder e que precisam lutar integralmente pelos seus direitos.

Assim, no contexto da obra em análise, o ensino não chega da mesma forma para todos, como relata o autor, revelando uma afirmativa que Freire (1979) também aponta em **Educação e mudança**, ao relatar que ensinar não é apenas transmitir conteúdo, de forma tradicional, como acontece na chamada educação bancária, é uma via de mão dupla entre o educador e educando, adaptando-se às realidades dos alunos, desmistificando a ideia que o conhecimento é adquirido apenas em sala de aula, mas também por meio de experiências encontradas diariamente, como princípios morais, culturais, sociais. Diante disso, destaca-se a necessidade de

observar as diversas situações que a obra insere os sujeitos lá descritos. Belonísia narra que:

Diferente de Bibiana, que falava em ser professora, eu gostava mesmo era da roça, da cozinha, de fazer azeite e de despolar o buriti. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. [...] Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo a beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nus diziam muita coisa (Vieira Junior, 2019, p. 97).

Neste sentido, o autor, por meio de sua personagem Belonísia, relata a falta de identificação ao conteúdo, perante o contexto de Água Negra, tornando uma experiência enfadonha, mas, principalmente, apresenta alunos extremamente cansados de uma rotina desgastante nas comunidades rurais, no qual são ensinados desde cedo as tarefas do campo, além disso, descreve a merenda escolar como um atrativo para jovens onde sua refeição diária garantida, possivelmente, é apenas na escola.

[...] Tinha a sensação de que perderia meu tempo naquela sala quente, ouvindo aquela senhora de mãos finas e sem calos, com um perfume forte que parecia incendiar a escola nos dias de calor. Olhava para o quadro verde, as letras embaralhadas, bonitas, mas que formavam palavras e frases difíceis que não entravam em minha cabeça, e pensava em meu pai na várzea encontrando coisas novas na terra para a qual se dedicar, ou minha mãe cuidando do quintal, dos bichos, costurando (Vieira Junior, 2019, p. 97-98).

Ao pensar nisso, nota-se que a reflexão de Belonísia é a de um sujeito que não encontra sentido na escola. Não acontece uma identificação, um reconhecimento com o espaço, com a professora e/ou com aquilo ensinado. Diante disso, pode-se perceber que suas necessidades envolvem uma percepção entorno de uma comunidade carente um tanto complexa, pois os alunos são um público no qual necessitam de uma linguagem que chegue diretamente a eles de forma prática, que alcance suas diversas limitações, uma vez que, em povoados assim, as crianças e jovens precisam de algo essencial para o ensino como; se colocar no lugar do outro, mas também, considerar suas origens, e seu meio de vida.

Os problemas dos alunos ultrapassam as dimensões escolares, dificultando para os professores prover todas as demandas e responsabilidades que são cobradas do educador, em virtude disso, ocorre uma grande evasão escolar, pois quando os

fatores externos e sociais se juntam a mecanismos uniformes praticados na escola, isso influencia a maneira como os estudantes enxergam a sala de aula.

Às vezes entro numa sala de aula abarrotada de alunos que se sentem terrivelmente feridos na psique (muitos fazem terapia), mas não penso que eles queiram que eu seja sua terapeuta. Querem, isto sim, uma educação que cure seu espírito desinformado e ignorante. Querem um conhecimento significativo. Esperam, com toda razão, que eu e meus colegas não lhes ofereçamos informações sem tratar também da ligação entre o que eles estão aprendendo e sua experiência global de vida (Hooks, 2017, p. 33).

Nesta abordagem, Hooks expõe um lado do ensino que pouco é focado, sendo as relações entre escola, professor e aluno. No entanto, na narrativa em análise não há esse caminho entre o educador e a família, havendo uma falha de comunicação entre ambos, ocasionado vários problemas, como a falta de tempo, uma vez que sua rotina exaustiva, os impede de pensar em outra coisa que não seja a sobrevivência, o que resulta em poucas horas do dia disponível para se dedicar ao estudo. Belonísia é a prova disso: ela não se concentra na aula porque está preocupada com seus pais, além de considerar os assuntos apresentados em aula entediantes e sem relevância para sua vida.

4. O TRABALHO E A EDUCAÇÃO A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DAS PERSONAGENS BIBIANA E BELONÍSIA

A princípio, a manifestação literária, se difere não só na abordagem de temas importantes, como educação, mas também em momentos históricos, além de apresentar de forma direta e real a vida no cotidiano por meio de mensagens ocultas, relatando principalmente os problemas do meio social, por metáforas e com elementos fantasiosos, melhor dizendo a escrita como arma de denúncia.

Logo após essas noções mencionadas, é importante usar a imaginação para descrever tanto o enredo, quanto as personagens, sendo fictícios ou baseados em pessoas conhecidas, para uma boa história os protagonistas dão um destaque maior a trama, por exemplo, a personagem Macabéa de Clarice Lispector, através de sua descrição gera no leitor uma certa aproximação, identificação, tonando a narrativa marcada na lembrança de quem lê mediante um único nome.

[...] O grande arsenal do romancista é a memória, de onde extrai os elementos da investigação, e isto os elementos da investigação, e isto confere acentuada ambiguidade as personagens, pois elas não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas (Candido, *et al.*, 2009, p.15).

Desta maneira, Itamar Vieira Junior também utilizou do recurso de nomes marcantes, isto posto Bibiana e Belonísia foram escolhidos segundo o autor por meio de sua experiência literária, na qual ele havia encontrado nomes que fixaram em sua memória como **Blimunda** de José Saramago, além disso, o escritor também relatou em uma entrevista no canal, Prazer, Karnal⁶ que o seu trabalho permitia conhecer muitas pessoas diferentes, assim tonado o povo sua maior inspiração.

Nessa mesma direção, Candido aponta que “a força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu” (Candido *et al.*, 2009, p. 08). Assim, ocorre com as protagonistas de **Torto Arado**, pois a maneira simples que elas explanam os acontecimentos torna tudo mais real, e vivido, segundo as suas práticas relatadas.

Sendo assim, as protagonistas possuem características distintas, Bibiana é uma personagem mais cética, mesmo tendo contado com a religião do jarê exclusiva

⁶ KARNAL, Prazer. YouTube. Disponível em: [<Link>](#). Acesso em: 27 de mar. 2023

da chapada Diamantina, ela não se aprofunda no lado místico que seu pai explora. Após se tornar adolescente e adulta, ainda continua mais como observadora, sem praticar as cerimônias e conhecer melhor as ervas e folhas encontradas na natureza.

Havia também o que foi dito pela encantada de onde miúda, a tal da Santa Rita Pescadeira. Não me deixava impressionar pelos encantados, estava tão acostumada à sua presença que não me permitia envolver pelo mundo de obrigações e interditos da crença. A distância me protegia das bençãos ou infortúnios, era o que eu esperava. Mas também não havia sido o acaso que me trouxera aquela mensagem. Ou se fosse o acaso, era fato que o que foi dito era endereçado a mim. Permaneci no limite entre a crença e a descrença. (Vieira Junior, 2019, p. 83 - 84).

Dessa forma, Belonísia era mais espiritual, admirava a forma que seu pai utilizava para curar as pessoas com os seus conhecimentos medicinais, cultivava as plantas e tinha um grande amor pela terra, assim como Zeca Chapéu Grande, ela não tinha medo, pelo contrário, “admiração” é a palavra que designava os sentimentos que ela sentia ao descrever as habilidades de seu pai.

Dessa maneira, as irmãs não são parecidas fisicamente, apesar de serem apenas um ano de diferença uma da outra, Bibiana é mãe de quatro filhos, o mais velho é Inácio, em seguida veio Flora, Maria, e por último a caçula Ana, Belonísia apesar de ter morado com Tobias nunca concebeu nenhum filho, além disso, suas personalidades são distintas uma da outra, na maneira de se expressarem, e como vivem.

Assim, o escritor constrói as características das suas personagens, deixando que a cada capítulo alguma vertente apareça, para moldar o enigma formado entorno das heroínas, dito isso, resta compensar a complexidade da personagem, com um enredo mais simples, elementos que os escritores utilizam muito, pois essas fórmulas torna a narrativa muito mais fluída.

[...] Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. É somente sob essa perspectiva, tentativa de desligamento do espaço habitado pelas personagens, que podemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto (Brait, 2006, p.11).

Em suma, Brait ressalta o quanto os espaços criados para as histórias são universos paralelos que mesmo baseado em fatos, lugares conhecidos ainda

possuem um pouco do lúdico. Nesse sentido, a escrita proporciona essa possibilidade de direcionar o olhar do leitor para pontos que o autor quer ressaltar, um exemplo disso são as redes sociais, onde as pessoas apresentam exclusivamente o lado delas que acreditam ser sua realidade ou pelo menos o melhor dela.

Portanto, a veracidade dos fatos é moldada conforme a vontade do autor, assim esta obra é contada por não apenas um narrador personagem, mas sim três, em primeira pessoa, dividindo a narrativa em partes, assim, o leitor deslumbra vertentes diferentes na mesma história, como se fosse uma novela em cada capítulo quem narra apresenta sua versão dos fatos, mas, tudo se encaixa perfeitamente.

4.1 Belonísia e Bibiana: “quase siamesas” vivenciando as lutas diante do trabalho e educação

Bibiana inicia o romance narrando acontecimentos que viveu na infância, a partir dos sete anos. Como todas as crianças, era muito esperta e curiosa, gostava de brincar com sua irmã um ano mais nova, que, além das afinidades em comum, também estavam ligadas entre si por meio de evento significativo. O episódio que aconteceu durante a narrativa intensifica ainda mais o sentimento de amizade entre as irmãs. De acordo com Vieira Junior (2019, p. 23), “uma seria a voz da outra.” Além disso, elas desenvolveram uma forma de se comunicar, por meio do olhar, gestos, aprenderiam a observar as expressões uma da outra e, com o decorrer do tempo, as pequenas brigas entre elas deram lugar a uma necessidade de entender uma à outra:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (Vieira Junior, 2019, p. 24).

Nessa passagem, é narrada uma realidade em que muitas pessoas não têm consciência das dificuldades de adaptação. No caso apresentado acima, Bibiana perde a língua ao manusear a faca de Donana, para se adaptar o processo foi lento, pois, na condição em que viviam, não houve ajuda de ninguém especializado na área para orientar os pais sobre a melhor maneira de ajudar sua filha, as chances eram mínimas.

No desenrolar da narrativa percebe-se que o espaço ou região onde a ação acontece é no Nordeste, dessa forma a obra apresenta ao leitor um mergulho das questões históricas, sociais, políticas, identitárias e culturais que definem essas comunidades. Nesse cenário, o trabalho é descrito logo no início do texto, quando os pais de Bibiana e Belonísia chegam da roça. O trabalho rural está presente durante toda a obra, sendo que o autor retrata toda precariedade e as lutas travadas nesse ambiente marcado pela pobreza e pela desvalorização cometida pelas estruturas de poder relatadas na ficção.

Com relação às personagens em análise, o trabalho no campo está presente nas lutas diárias, quando as meninas mais velhas renunciam horas de brincadeiras para cuidar de seus irmãos mais novos, no momento em que precisavam pescar, casar, plantar e colher, dentre outros meios de sobrevivência em comunidade, todos ajudavam em alguma função em casa, entretanto, o fato mais admirável é a forma de consciência em relação às atividades, pois as protagonistas sempre sentiam essa necessidade em ser útil, mesmo diante de um ambiente aberto aos ditos patriarcais e machistas, como pode-se ler no trecho: “[...] Com sua disposição, Belonísia se aproximou mais de meu pai, [...] embora Zeca sempre a lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (Vieira Junior, 2019, p. 75).

Assim, apesar das adversidades, a personagem se mantém firme e floresce assim como os cactos do sertão, resistente a falta de consciência e de reconhecimento diante de tantos preconceitos e adversidades, empecilhos que a tornaram completamente diferente, onde antes medo predominava, transformou-se em uma fortaleza, encontrando seu caminho perante aquele lugar:

Há uma tendência, nas análises tradicionais, de espelhar o sistema vitoriano de classificação. Dividindo as mulheres em santas ou demônios, pacatas, donas de casa, ou prostitutas, os pesquisadores simplesmente não enxergaram dinâmicas sociais que driblam esses dois polos. Da mesma forma, cientistas sociais se agarraram durante décadas à crença na normalidade-estática, natural, moral-da família conjugal [...] (Dell Priore, 2001, p. 430).

Dell Priore descreve, na citação acima, como os tradicionalistas configuram as mulheres em “moldes”, ao mesmo tempo, em que enfatizam grupos familiares que atendem às expectativas preconcebidas. Sendo a mulher inicialmente vista como pertencente ao pai, depois ao marido: “A situação da mulher negra hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto mulher negra, é objeto de dois

tipos de desigualdade que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira". (Gonzales, 1981, p. 04).

A história em análise revela que esse padrão ocorre quando as personagens são submetidas a comparem mercadorias com preços absurdos na fazenda e obrigadas a dividirem tudo que elas produzem em vez de comercializar de forma isolada, quando exercem diversas tarefas consideradas de "mulher", como parteira e cozinheira, pois, seja no presente ou no passado, o machismo em relação ao dever da mulher está presente no corpo social.

Na comunidade rural, a chegada da seca é motivo de muita preocupação, pois as dificuldades aumentam conforme os rios secam, os frutos não brotam mais com tanta facilidade. Diante disso, as pessoas de Água Negra sobreviveram vendendo buriti e dendê em uma feira da cidade, com o dinheiro as famílias compram alimentos, essa trajetória é longa, a pé, por esse motivo; muitas pessoas vão cedo devido ao sol quente. "Não tínhamos animal naquele tempo, então era preciso contar com a força dos braços para carregar as sacolas de taboa com as garrafas cheias de azeite, [...]" (Vieira Junior, 2019, p. 70).

Como mencionado, o custo de vida naquele local era árduo não somente porque não havia remuneração, mas, pelo fato de nunca se questionar do motivo de estarem ali, e o porquê de permanecerem. Assim, a população da fazenda nunca ousou pelo menos em sua maioria uma vida fora daquele povoado. O sentimento de vazio que carregavam durante a escravidão ainda perpétua nas gerações seguintes, como um anseio daquilo que um dia se teve.

As mulheres eram a força invisível que Vieira Junior destaca em toda sua narrativa, uma vez que, tudo se passa através da perspectiva feminina, negra e quilombola, cada uma com sua singularidade e lugar de representatividade. Por exemplo, Belonísia ela representa o trabalho com a terra, como também Bibiana a educação, isso posto, é como se cada uma que foi citada triunfasse um lugar de fala, sendo assim justamente o intuito do autor, observe na menção a seguir:

[...] Nunca pude reclamar da sorte, que também se postou com seu encanto ao meu lado. Bati saco de milho, fiz muitos sacos de farinha, labutei dia a dia na roça que crescia verdade. Se o sol fosse inclemente e matasse a plantação, deixando um rastro de cultivo mirado e queimado, ou se os rios enchessem e a água comesse o que não deu tempo de colher, dava meu dia de trabalho onde precisavam dele. Quando não havia trabalho, me agarrava à colheita do buriti e do dendê, e seguia com Maria Cabocla e outras mulheres para a fera da cidade. Vez ou outra um motorista nos oferecia carona para

andar na boleia de seu veículo, ao nos ver caminhando pela estrada besuntada da massa do fruto (Vieira Junior, 2019, p. 141).

Portanto, quando se fala em trabalho, a sociedade não vislumbra as principais colaboradoras deste ofício, pois seu reconhecimento é inexistente, e sua luta muitas vezes é silenciosa em lugares remotos, como na obra em análise. Desta maneira, a narrativa é marcada por mulheres fortes, sobreviventes de uma condição marcada de machismo, e exploração de poder.

As heroínas desta história não possuem um super poder, mas carregam com si a força da representatividade do povo africano, mulheres que trabalham com a terra, enfrentando a escassez, a fome, mas principalmente uma condição de vida marcada de descaso da sociedade, uma vez que, esse cenário se configura com muitas gerações após a libertação escravocrata predominando o poderio que se aproveita dessa condição de abandono para explorar. Na narrativa isso está presente, por exemplo, quando as pessoas são obrigadas a comprar mercadorias com altos preços, sendo assim mais uma forma de dominação.

A educação é o principal caminho para desenvolver o ser humano, portanto, esta trajetória percorre desde a infância com a família, e se desenvolve nos anos iniciais do ensino fundamental. Assim as meninas começaram a estudar de uma forma bem precária na casa de dona Firmina, a professora por sua vez comparecia nas aulas apenas três vezes na semana e após a construção concluída da escola levou um bom tempo para que fosse substituída.

No mesmo tempo ainda antes do dia de São José, o prefeito inaugurou a escola, que teve a construção – com telhas de cerâmica que nenhuma casa de trabalhador poderia ter – concluída no verão. [...] Todos os moradores estiveram presentes à inauguração: as mulheres de lenços na cabeça; os homens de chapéu e enxada na mão; as crianças rindo da novidade, um pequeno prédio de três salas, e sem o tal banheiro que ninguém tinha mesmo [...] (Vieira Junior, 2019, p. 95).

Belonísia aponta que, além de toda a comunidade presente, houve também um longo discurso em homenagem a família Peixoto. Dessa forma, a escola recebeu o nome do proprietário Antônio Pexoto, porém, nenhuma palavra de agradecimento a pessoa que influenciou de verdade este acontecimento, Zeca estava feliz, mesmo sem reconhecimento algum, ele vislumbrava uma esperança para seus filhos de um destino diferente do seu, onde não seriam mais analfabetos.

Diante do que foi mencionado anteriormente, as protagonistas antes do ensino não tinham dimensão de futuro, e acreditavam que como seus pais elas continuariam perpetuando na fazenda, o mesmo meio de vida, com as mesmas dificuldades. Entretanto, a partir do momento em que elas obtêm acesso ao estudo, tudo muda porque agora elas passam a entender o mundo ao seu redor, como a sua cultura de raízes africana, por exemplo, rompendo assim um padrão de nascer, crescer, se reproduzir, trabalhar e morrer.

Bibiana acredita no poder transformador da educação, tendo em vista que, ao partir da fazenda, ela se dedicou aos estudos, tornando-se professora. Em contrapartida, sua irmã Belonísia ainda se esforça para ir à escola construída na comunidade, no entanto, sempre que aparecia na aula era como se aquele não fosse seu lugar, sentindo-se silenciada de diversas formas. Ou seja, o ensino não chega de forma igual para todos, porque cada pessoa possui uma necessidade diferente.

Desta forma, a realidade apresentada pela irmã mais nova é de exclusão se tornando recorrente, Belonísia se sente diferente dos demais em aula, e no local em que vive, ela permanece sempre em silêncio, não ousa falar, por vergonha dos sons que ela produz e também porque ninguém além de sua mãe e irmã compreendiam sua maneira de se expressar, dificultando o seu processo de aprendizagem.

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas. Àquela altura eu já sabia ler, graças muito mais aos esforços de minha irmã mais velha e minha mãe do que da professora sem paciência que dava aula na casa de dona Firmina. Para mim era o suficiente (Vieira Junior, 2019, p.97).

Por meio desta citação anterior, Belonísia ressalta a precariedade tanto do local das aulas; quanto do método de ensino, visto que, o mecanismo aplicado pela professora não foi duradouro, como evidenciado na fala da personagem, embora a recepção seja crucial ao elaborar um plano de aula, a escolha do tempo adequado para cada proposta é ainda mais primordial.

Portanto, a educação requer um olhar para o indivíduo na totalidade, para desenvolver um ensino consistente em uma “base” um ponto de partida, mas não necessariamente com o olhar fixo apenas neste caminho, pois na sala de aula os planos mudam, mediante a isso, cabe ao profissional deste meio perceber que não

importa o quanto estude sempre haverá situações inesperadas para se lidar diariamente.

Não me interessava por suas aulas em que contava histórias do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do hino Nacional, não me servia, por que eu mesma não posso cantar [...] (Vieira Junior, 2019, p. 97).

Essa questão mencionada por Belonísia, é algo que acarreta outra preocupação do ensino, a evasão escolar, na narrativa a protagonista perde o interesse por não ser histórias referentes ao seu povo, e sem essa identificação o aluno não é estimulado, deixando conseqüentemente a escola em segundo plano até o momento que se afasta permanentemente, isso é um fator preocupante se pensarmos o quanto um posicionamento tem o poder de mudar a vida de outra pessoa.

Reforçou em sua fala a expressão “tenho a letra, mas não tenho o número”, e que queria muito que seus filhos de sangue e de pegação tivessem estudo e pudessem ter uma vida melhor do que a que tinha. [...] De tudo que vi meu pai bem-querer na vida, talvez fosse a escrita e a leitura dos filhos o que perseguiu com mais afinco. Quem acompanhasse sua vida de lida na terra ou a seriedade com que guardava as crenças do jarê, acharia que era os bens maiores de sua existência. Mas pessoas como nós, quando viam o orgulho que sentiam dos filhos aprendendo a ler e do valor que davam ao ensino, saberiam que esse era o bem que mais queria poder nos legar (Vieira Junior, 2019, p.66).

Bibiana revela na menção anterior, a interferência dos pais na escolaridade dos filhos, pois com poucas oportunidades naquele meio é difícil almejar uma mudança nesta fase. Dessa forma, educação para essas pessoas é um sinal de libertação, uma vez que, esses indivíduos são excluídos e marginalizados, sua emancipação se torna algo cada vez mais impossível de se alcançar.

Neste sentido, as personagens buscam se reafirmarem por meio de um planejamento territorial, procurando e divulgando para os demais os seus direitos, para tanto eles reuniram diversas provas, como cartas de contratação, assinaturas das famílias, mesmo correndo risco de retaliação, esse povo não suporta mais tantos anos de exploração e manipulação.

Cada cultura possui suas crenças, na narrativa em questão, por meio do jarê as protagonistas enxergam esse lado de modo diferente. A frase dita por Santa Rita Pescadeira “de seu movimento virá sua força e sua derrota” (Vieira Junior, 2019, p.

81). Percorre os pensamentos de Bibiana durante muito tempo. Mesmo sem destinar muita convicção na sentença pronunciada pela entidade, essas palavras ganharam forma de impacto no inconsciente e posteriormente se tornaram consequências das ações do presente.

Mas como esse aviso reflete na narrativa? É possível observar que o autor apresenta uma premissa dos acontecimentos vindouros através dos “elementos mágicos” existente no jarê. Esse ponto de vista também reafirma que Bibiana e sua escolha de mudança atinge Água Negra de alguma forma, porque sua decisão de partir e estudar fortalecera o seu povo.

O processo histórico, a todo momento, deixa o negro a margem da educação, visto que, após a libertação escravocrata, nenhuma medida foi tomada referente ao ensino para as crianças. Na narrativa esse processo ocorre de forma lenta, não partindo de nenhuma influência governamental, revelando a falta de compromisso com o ensino da comunidade quilombola.

O desfecho desta obra, é algo inesperado, mas, ao mesmo tempo, traz um senso de justiça nas palavras do escritor “Sobre a terra há de viver sempre o mais forte” (Vieira Junior, 2019, p. 262). Reafirmando a força de um povo africano, no qual, buscam sobreviver apesar da invisibilidade na sociedade, e falta de valorização da sua história.

Portanto, a partir do contexto em análise, as protagonistas narradoras enfatizam na obra o seu cotidiano, bem como, a manipulação como forma de manter o poder e a submissão de seu povo. E para tanto, isso é representado quando se é negado ao trabalhador o direito de uma vida digna, com uma boa moradia, salários condizentes com o ofício exercido. Tendo em vista tudo isso, a maneira que as irmãs mudam essa conjuntura social, foi por meio da educação, no qual, era incerta, visando como foi inserida na comunidade rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do desenvolvimento desse estudo observou-se que as protagonistas da narrativa, escolhida *Torto Arado*, defendiam temas distintos, como educação e trabalho rural, mas que se interligavam entre si, pois uma é o complemento da outra, como, por exemplo, na menção que Bibiana descreve: “se sentir quase siamesa por dividir o mesmo órgão”, a língua. Vieira Junior foi muito perspicaz em colocar justamente duas irmãs para representar esse vínculo invisível entre esses dois tópicos iniciais.

Diante disso, nota-se que, em alguns momentos, as mulheres da comunidade, são excluídas de forma proposital para que assim, isoladas, seja mais difícil o processo de independência. Entretanto, por meio da educação foi possível perceber uma ruptura nessa estrutura opressora que se estendia após a abolição, no momento em que Bibiana vivenciou essa mudança proveniente do estudo e compartilha esse conhecimento com as demais pessoas do seu convívio, se desenvolveu na comunidade rural um senso crítico de justiça.

Assim, analisando as personagens Bibiana e Belonísia da obra ***Torto Arado* (2019)**, constatou-se que, nas pequenas comunidades, como Água Negra, ainda persiste uma ausência dos direitos trabalhistas e educacionais, com isso é de extrema importância estudar sobre essa temática. Permitindo identificar os obstáculos que esses grupos enfrentam diariamente.

Portanto, por meio desse trabalho, pretende-se despertar o interesse do leitor tanto para leitura do romance, de Itamar Vieira Junior, assim como contribuir com as discussões em torno do perfil das narradoras Bibiana e Belonísia. É esperado que essa pesquisa venha contribuir para o desenvolvimento de pesquisas futuras sobre as personagens aqui analisadas, assim como sobre a terceira narradora, Santa Rita Pescadeira, que não foi alvo de análise nessa pesquisa, mas que pode ser analisada a partir de diversas perspectivas. Além disso, espera-se contribuir para uma reflexão sobre a função social da obra na sociedade atual, para que esse posicionamento possa despertar nas pessoas uma reflexão crítica.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Tânia. **Mulheres no Mercado de trabalho: Onde nasce a desigualdade?** Estudo técnico: 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BRAIT, Beth, **A personagem**. 8 ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- CANDIDO, Antônio, Gomes, Paulo, Emílio Salles, PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. **A personagem de Ficção**. São Paulo: perspectiva, 2009.
- FONCECA, C. Ser mulher, mãe e pobre. *In*: DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C. (org.). **Histórias das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: contexto, 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/jacii/Downloads/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jacii/Downloads/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil%20(1).pdf). Acesso em: 24 out. 2023.
- FRACCARO, Glauca, **Os direitos das mulheres: Feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)** Rio de Janeiro, FGV, 2018.
- FREIRE, Paulo, **Educação e mudança**. São Paulo: paz e terra, 1979.
- GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Zahar. 2020.
- HOOKS, Bell, **Ensinado a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- PLATÃO. **República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. *In*: **UMA HISTÓRIA DE AMOR PELA TERRA: O FENÔMENO LITERÁRIO DE TORTO ARADO – ENTREVISTA COM ITAMAR VIEIRA JUNIOR**. NORO, Natália Souza. GONÇALVES, Marta Aparecida Garcia. Via Atlântica, São Paulo, n. 41, pp. 530-559, jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/download/188769/183643> Acesso em 10 de outubro de 2023.
- WILDE, Oscar. **A decadência da mentira e outros ensaios**. trad. João do Rio, Rio de Janeiro: Imago, 1994.